

Laudato si': há 10 anos, um novo patamar de reflexões sobre o cuidado da Casa Comum

Daniel Gomes

“Encíclica verde do Papa”, “documento histórico sobre o aquecimento global”, “encíclica papal dedicada ao meio ambiente” foram algumas das primeiras referências na imprensa sobre a encíclica *Laudato si'* (LS), divulgada em 18 de junho de 2015, mas assinada pelo Papa Francisco semanas antes, em 24 de maio daquele ano.

Dirigida não só aos católicos, mas “a cada pessoa que habita este planeta” (LS 3), a *Laudato si'*, em seis capítulos e 246 itens (parágrafos), apresenta reflexões sobre a urgência do cuidado da Casa Comum, o que envolve pensar o meio ambiente não apenas na perspectiva da “ecologia verde”, mas também as relações entre os seres humanos e destes com a obra da criação, como fez São Francisco de Assis, “exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade” (LS 10).

Algumas ideias centrais da encíclica são “a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta de um novo estilo de vida” (LS 16).

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

No capítulo inicial – “O que está acontecendo com nossa casa” (LS 17-61) – Francisco trata sobre os aspectos da atual crise ecológica, como a poluição, a cultura do descarte (de objetos a pessoas), a perda da biodiversidade e a degradação da qualidade de vida.

O Papa também traz as reflexões sobre os impactos das ações humanas nas mudanças climáticas, com suas consequentes implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas e políticas (cf. LS 25).

“Muitos daqueles que detêm mais recursos e poder econômico ou político parecem concentrar-se sobretudo em mascarar os problemas ou ocultar os seus sintomas, procurando apenas reduzir alguns impactos negativos de mudanças climáticas. Mas muitos sintomas indicam que tais efeitos poderão ser cada vez piores, se continuarmos com os modelos atuais de produção e consumo” (LS 26).



O PARADIGMA TECNOCRÁTICO E O HOMEM QUE QUER SER DEUS

Após trazer argumentações das Sagradas Escrituras e da tradição judaico-cristã sobre o cuidado com a criação – tema do capítulo 2 – “O Evangelho da Criação” (LS 62-100) – Francisco discorre, no capítulo 3, sobre a “A raiz humana da crise ecológica” (LS 101-136), apontando especialmente para o atual paradigma tecnocrático.

“Neste paradigma, sobressai uma concepção do sujeito que progressivamente, no processo lógico-racional, compreende e assim se apropria do objeto que se encontra fora... É como se o sujeito tivesse à sua frente a realidade informe totalmente disponível para a manipulação... agora, o que interessa é extrair o máximo possível das coisas por imposição da mão humana, que tende a ignorar ou esquecer a realidade própria do que tem à sua frente... Isso supõe a mentira da disponibilidade infinita dos bens do planeta, que leva a ‘espremê-lo’ até o limite e para além do mesmo” (LS 106), explica; e mais adiante, alerta: “Se o ser humano se declara autônomo da realidade e se constitui dominador absoluto, desmorona-se a própria base da sua existência, porque ‘em vez de realizar o seu papel de colaborador de Deus na obra da criação, o homem substitui-se a Deus, e deste modo acaba por provocar a revolta da natureza’” (LS 117).

O CAMINHO DA ECOLOGIA INTEGRAL

Ideia muito propagada desde a pu-

blicação da encíclica, a “Ecologia Integral” é apresentada no capítulo 4 (LS 137-162) como aquela capaz de reestabelecer uma relação harmônica entre os seres humanos e destes com a toda a obra da criação.

“Quando falamos de ‘meio ambiente’, fazemos referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isso nos impede de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida... É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental” (LS 139).

Trata-se, portanto, de uma discussão sobre a ecologia que vai além das questões do meio ambiente, e que aponta também para aspectos sociais, culturais, de qualidade de vida cotidiana – habitação, trabalho, espaços públicos, sistemas de transporte, planejamento das cidades (cf. LS 142-153) –, em vista de se alcançar o Bem Comum (cf. LS 156), com solidariedade aos mais pobres (cf. LS 158) e atenção sobre qual planeta será deixado às futuras gerações (cf. LS 159-161).

LINHAS DE AÇÃO; EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE ECOLÓGICAS

No capítulo 5, Francisco indica “Algumas Linhas de Orientação e Ação” (LS 163-201) em vista da Ecologia Integral no cotidiano individual e comuni-

tário, bem como nas políticas nacionais e internacionais: “Pensando no Bem Comum, hoje precisamos imperiosamente de que a política e a economia, em diálogo, se coloquem decididamente a serviço da vida, especialmente da vida humana” (LS 189). Neste caderno, estas perspectivas são especialmente tratadas por pessoas e organizações que se valem da *Laudato si'* para suas ações e análises nas questões ambientais (leia nas páginas 2 e 3).

Por fim, no capítulo 6 – “Educação e Espiritualidade Ecológicas” (LS 202-246), cujos apontamentos estão detalhados na última página deste conteúdo especial, Francisco enfatiza que a base para a mudança da relação do ser humano com sua Casa Comum requer que todas as pessoas reconheçam ter uma origem comum, uma recíproca pertença e um futuro a ser partilhado.

Passados dez anos de sua publicação, a encíclica *Laudato si'* se mantém atual, é um dos grandes legados do Papa Francisco – falecido há um mês, em 21 de abril – para a Igreja e todo o mundo, e continua a inspirar projetos locais e globais, como foi em 2015 para o Acordo de Paris que visa a limitar o aumento da temperatura global, e como será no fim deste ano na conferência do clima da ONU, a COP30, em Belém (PA), cujos organizadores recentemente afirmaram assumir a *Laudato si'* como “uma bússola ética e um guia pragmático para a mobilização global” diante da atual urgência climática.

UMA ENCÍCLICA DE MÚLTIPLAS INCIDÊNCIAS

Os 10 anos da *Laudato si'* e a inspiração para políticas públicas municipais

José Mario Brasiliense*
Eder Brito**

Neste mês, a encíclica *Laudato si'*, do recém-falecido Papa Francisco, completa dez anos. O documento teve grande repercussão tanto no mundo católico quanto fora dele. Ao abordar com profundidade as questões socioambientais, as palavras do Papa serviram de alerta e apontaram caminhos para a superação dos desequilíbrios na ecologia humana e ambiental.

As urgências climáticas, visíveis nas catástrofes ambientais e na pandemia de COVID-19 (2020), demonstram a relevância da abordagem de Francisco. O Papa oferece como resposta a esperança cristã: “O urgente desafio de proteger a nossa Casa Comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado” (LS 13).

A colaboração é necessária no enfrentamento de problemas concretos como os citados no parágrafo 24, sobre os impactos do aquecimento global, especialmente em cidades litorâneas. Exemplo disso tem sido a solidariedade para superação do drama decorrente das enchentes nas cidades do Rio Grande do

Sul, ocorrido em 2024. Por outro lado, o parágrafo 28 destaca o desafio correlato da escassez hídrica nas grandes cidades e em regiões pobres do planeta.

Na mesma linha, o parágrafo 44 denuncia a má qualidade de vida provocada pelo “crescimento desmedido e descontrolado de muitas cidades”, citando a poluição do ar, os problemas de transporte e as demandas insustentáveis de energia e água. Para tanto, é fundamental o planejamento e a gestão das cidades segundo o princípio da subsidiariedade, preconizado pela Doutrina Social da Igreja (DSI), que aponta para soluções descentralizadas.

Na ONG Oficina Municipal, uma Escola de Cidadania e Gestão Pública, te-

mos acompanhado experiências inovadoras em políticas ambientais regionais. Por exemplo, no Consórcio Intermunicipal do Vale do Paranapanema (Civap), com sede em Assis (SP), as conferências intermunicipais de Meio Ambiente priorizaram a construção de uma usina de geração de energia por meio de resíduos sólidos urbanos. Recém-licenciada pela Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb) a usina atenderá 15 municípios, convertendo lixo em gás de síntese para gerar energia elétrica ou abastecer processos industriais.

Outro aspecto ressaltado pela *Laudato si'* é a importância da participação cidadã. Nesse sentido, também observamos na Oficina Municipal o crescen-

te engajamento da sociedade civil na busca de soluções locais para problemas ambientais. Isso é visível na participação de centenas de pessoas nos cursos *on-line* para membros de conselhos municipais de meio ambiente. Diante desses exemplos, fica evidente a inspiração oferecida pela Igreja às políticas públicas municipais.

A recente eleição do Papa Leão XIV aponta na mesma direção. Ao fazer memória de Leão XIII, autor da primeira encíclica social (*Rerum novarum*, 1891), Leão XIV recoloca a DSI como pilar da nova evangelização e da busca de respostas aos desafios socioambientais da humanidade.

Concluimos com o apelo do Papa Francisco à solidariedade: “Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental que vivemos, e suas raízes humanas, dizem respeito e têm impacto sobre todos nós... Precisamos de nova solidariedade universal. Como disseram os bispos da África do Sul, ‘são necessários os talentos e o envolvimento de todos para reparar o dano causado pelos humanos sobre a criação de Deus’” (LS 14).

* Doutor em administração pública, diretor-presidente da Oficina Municipal.

** Mestre em administração e gerente da Oficina Municipal



Vatican Media - nov.2015

Na encíclica, Papa pede desenvolvimento sustentável e integral (com refugiados em Bangui, 2015)

Francisco tinha uma visão integrada dos problemas ambientais e sociais

Marcio Astrini*

O argentino Jorge Mario Bergoglio (1936-2025) foi o Papa que mais fez pelo clima. Em maio de 2015, lançou a encíclica *Laudato si'*, marco inédito na posição de católicos sobre questões ambientais. No fim daquele ano, 196 países assinaram o Acordo de Paris, com o compromisso também inédito de manter o aumento da temperatura média global abaixo de 2°C acima dos níveis pré-industriais. O Vaticano e a ONU destacam o papel relevante da encíclica nos processos que permitiram a construção do acordo climático.

Na *Laudato si'*, o Papa Francisco diz que não há como separar a crise ambiental da pobreza, desigualdade e justiça social. De fato. Quem é mais afetado por enchentes e deslizamentos de terra? Quem ficou sem ir à escola e teve dificuldades para comprar comida por causa da seca dos rios da Amazônia em 2023 e 2024? O atendimento interrompido de postos de saúde e creches

durante as enchentes no Rio Grande do Sul no ano passado prejudicou principalmente a quem? Os mais pobres. Francisco tinha uma visão integrada dos problemas ambientais e sociais.

O documento apresenta de forma clara e objetiva as causas do maior problema coletivo da humanidade, e aponta a necessidade de soluções urgentes com base na ciência, como o fim do uso de combustíveis fósseis e do desmatamento. Critica padrões insustentáveis de produção e consumo. Parte do melhor conhecimento científico disponível para construir um alerta abrangente sobre a situação ambiental do planeta, em especial sobre a mudança do clima. Indica a atividade humana como causa principal do aquecimento da Terra. E exige de líderes políticos medidas de adaptação, mitigação e financiamento climático ao cobrar que os compromissos assumidos nas negociações internacionais sejam ambiciosos e saiam do papel.

Francisco olhou para a Amazônia desde o início do pontificado. Em 2014,

criou a Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam) como iniciativa fundamental para a defesa da floresta e de seus povos. Durante visita à Colômbia, em 2017, destacou a sabedoria dos povos amazônicos e a necessidade de aprender com a visão deles sobre a vida e a natureza. No mesmo ano, anunciou um sínodo especial para a Pan-Amazônia, com um processo de escuta dos povos originários. Em 2019, o sínodo foi realizado no Vaticano, com a presença de religiosos, indígenas e cientistas, como o climatologista brasileiro Carlos Nobre.

Em 2021, Francisco enviou uma carta à 26ª Conferência do Clima da ONU (COP26), realizada em Glasgow, na Escócia, enfatizando a urgência de ações políticas. Dois anos depois, pouco antes da COP28 e após uma série de eventos climáticos extremos, publicou a *Laudate Deum*, uma continuação da encíclica ambiental de 2015. Na ocasião, alertou que “não temos reações suficientes enquanto o mundo que nos acolhe está desmoronando e talvez se aproximando de um ponto de ruptura”. Em resumo,

endossou o que ambientalistas e cientistas vêm defendendo há décadas.

Fomos e continuaremos a ser inspirados pelo legado de Francisco. A cartilha *Nossa casa comum: guardiões da criação* é resultado de parceria do Observatório do Clima com o Movimento Laudato Si', o Instituto de Estudos da Religião (Iser) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O material apresenta a encíclica e as evidências científicas ao tratar do maior desafio da humanidade. A ideia é que religiosos compartilhem as informações em suas comunidades.

Na *Laudato si'*, Francisco repete que “tudo está interligado”. Ele defendia uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza. “Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental.”

* Secretário-executivo do Observatório do Clima, uma rede de entidades da sociedade civil que discute a questão das mudanças climáticas no contexto brasileiro

A responsabilidade dos cristãos no cuidado da Casa Comum

Dom Rogério
Augusto das Neves*

Já é suficiente para os nossos tempos que existam pessoas que se obstinem em negar aquilo que já se sabe sobre a degradação do meio ambiente e a responsabilidade do ser humano nesses novos fenômenos climáticos. Mas existe uma outra questão, talvez mais antiga do que essa e que, de maneira mais surpreendente ainda, ocupa lugar nas preocupações atuais sobre a proposta do saudoso Papa Francisco de cuidar da Casa Comum: Há muita gente que acredita piamente que, ainda que as implicações da ação humana causassem as mudanças climáticas que experimentamos atualmente, isso deveria ser cuidado no âmbito do profano e não do sagrado, que isso não seria assunto relevante ou conexo com a fé cristã.

Entretanto, já prenunciava o Concílio Vaticano II: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em

Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por esse motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história” (constituição pastoral *Gaudium et Spes* 1).

Além disso, a Encarnação do Filho de Deus, de certo modo, eliminou as fronteiras entre o sagrado e o profano. Assim dizia São João Paulo II: “Na realidade, só no mistério do Verbo Encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem. (...) Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde

o primeiro pecado. Já que Nele a natureza humana foi assumida, sem ter sido destruída, por isso mesmo também em nosso benefício ela foi elevada a uma dignidade sublime. Porque, pela sua Encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos de homem, pensou com uma mente de homem, agiu com uma vontade de homem e amou com um coração de homem. Nascendo da Virgem Maria, Ele tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado. Ele, o Redentor do homem” (encíclica *Redemptor Hominis* 8).

Portanto, não há realidade huma-

na que seja estranha à Redenção trazida pela Encarnação do Verbo. Daí o ensinamento oportuno do Papa Francisco de que, se pelo simples fato de serem humanas, as pessoas se sentem movidas a cuidar do ambiente de que fazem parte, os cristãos, em particular, advertem que a sua tarefa no seio da criação e os seus deveres em relação à natureza e ao Criador fazem parte da sua fé. Por isso é bom, para a humanidade e para o mundo, que nós, crentes, conheçamos melhor os compromissos ecológicos que brotam das nossas convicções (cf. encíclica *Laudato si'* 64; cf. também São João Paulo II, Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 1990).

Além disso, ressoam também para nós as palavras de São Paulo: “De fato, toda a criação espera ansiosamente a revelação dos filhos de Deus; pois a criação foi sujeita à vaidade, não por seu querer, mas por dependência daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação seja libertada da escravidão da corrupção, em vista da liberdade da glória dos filhos de Deus. Com efeito, sabemos que toda criação, até o presente, está gemendo como que em dores de parto. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos em nosso íntimo, esperando a adoção filial, a redenção de nosso corpo” (Rm 8,19-23).

* Bispo Auxiliar de São Paulo e Referencial Arquidiocesano para a Campanha da Fraternidade



O dever do cristão com a natureza é parte de sua vivência de fé (Papa em visita à sede da ONU, em Nairobi, 2015)

Tudo está interligado: 10 anos da *Laudato si'* e do chamado à Ecologia Integral

Diácono Silvonei
Luiz Roling*
Luiz Carlos Maziero**
Adaiane Giovanni***
Leticia Framesche****

O Papa Francisco, em 2015, apresentou à Igreja e ao mundo a encíclica *Laudato si'* - Louvado Sejas, expressão utilizada por São Francisco de Assis no Cântico das Criaturas. Nela, a ênfase sobre o cuidado da Casa Comum, a atenção aos mais pobres e a promoção de uma Ecologia Integral. Afirmando que o cuidado é dever de todos e incide sobre o coletivo, alerta para a consciência de que “tudo está interligado e ninguém se salva sozinho” (LS 19). O reiterado convite à reflexão por uma fraternidade universal tematizou, em 2020, a encíclica *Fratelli tutti* - Todos irmãos, na qual a Amizade Social é indicativo para a promoção da cultura do encontro em um mundo cada vez mais afeiçoado à indiferença e ao descarte.

Na *Laudato si'*, somos chamados a uma mudança de comportamentos e hábitos, deslocando-nos das perspectivas antropocêntricas para a integração harmônica entre nós e o meio. Para isso, criar consciência em relação ao Bem Comum e destacar a importância da coletividade, no processo de cuidar do que é de todos, torna-se fundamental. Daí, o novo estilo de vida proposto por Francisco – mais simples, modesto, à parte da ânsia pela acumulação, que experimente e gere o amor social, pelo cultivo do cuidado e dê uma nova alma à Economia, como alternativa ao sistema atual, que desintegra e mata.

Assim, a “conversão ecológica” deve ser tanto uma “conversão interior” quanto uma “conversão comunitária”. Pessoas novas e sociedades novas, para uma nova relação entre si e com a natureza. Uma conversão “global” (LS 5) e “integral” (LS 218). As palavras do Papa, em Assis, em 2022, no Encontro da Economia de Francisco, nos ajudam a refletir: “[...] Perguntemo-nos: faze-

mos o suficiente para mudar esta economia ou limitamo-nos a pintar uma parede, mudando a cor, sem alterar a estrutura da casa?”

Celebrar os 10 anos de trajetória da *Laudato si'* é deparar-se com a busca em mover e modificar estruturas. Alguns desses percursos se deram por meio dos sínodos; do Pacto Educativo Global; Movimento Laudato Si' e da Economia de Francisco, já citada. A abertura à participação nesses processos favoreceu o pertencimento e a corresponsabilidade dos aderentes. E as respostas? – São diversas.

Um exemplo: a estruturação da Pastoral da Ecologia Integral (PEI) no Regional Sul 2 da CNBB e a partir dela, inúmeras ações práticas. Na Diocese de Palmas, em Francisco Beltrão (PR), houve atividades socioeducativas: a audiência pública “Água no Sudoeste do Paraná”, que debateu sobre a contaminação e o desperdício da água; e em parceria com a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, a produção de mudas de árvores nativas, para a comunidade ur-

ba, além da continuidade prevista do projeto, com mudas frutíferas.

A PEI tem ampliado sua presença nos planos pastorais das Igrejas particulares, sobretudo, pelo seu alinhamento à dimensão sociotransformadora e adaptação aos variados contextos e realidades.

Comemoremos os 10 anos da *Laudato si'*, ampliando o olhar com a *Laudate Deum*, exortação apostólica de 2023, em dinâmica de continuidade, renovando o compromisso em prol da Ecologia Integral, recordando o que nos disse Francisco: “E não se pense que estes esforços são incapazes de mudar o mundo. Estas ações espalham, na sociedade, um bem que frutifica sempre para além do que é possível constatar [...], permite-nos experimentar que vale a pena nossa passagem por este mundo” (LS 212). Nossa Casa Comum!

*Filósofo e teólogo

**Mestre em Educação

***Mestra em Sociedade e Desenvolvimento

****Mestra em Engenharia Sanitária e Ambiental (Todos atuam na Pastoral da Ecologia Integral do Regional Sul 2 da CNBB)

Educação e espiritualidade ecológicas para um mundo melhor

Daniel Gomes*

Vatican Media - jan.2019

Dos seis capítulos da encíclica *Laudato si'*, o conclusivo possivelmente seja o que mais mostre a abrangência deste documento pontifício, especialmente pelo fato de Francisco tratar, em nove tópicos, sobre o atual desafio cultural, espiritual e educativo, destacando que no processo de mudança que a humanidade precisa passar é fundamental que todos se lembrem de que têm uma origem comum, uma recíproca pertença e um futuro a ser partilhado. “Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida” (LS 202). A seguir apresentamos trechos-chave do capítulo 6 - “Educação e Espiritualidade Ecológicas”.

1. Apontar para outro estilo de vida

Diante de um paradigma tecnoc-econômico que faz com que todos creiam que são livres por terem a liberdade para consumir, mas que acabam se tornando autorreferenciais e cada vez mais consumistas (203-204), o Papa exorta à verdadeira liberdade, abrindo-se ao bem, à verdade e à beleza (205), com mudanças nos estilos de vida que poderiam “exercer uma pressão salutar sobre quantos detêm o poder político, econômico e social” (LS 206). Lembra, ainda, que “quando somos capazes de superar o individualismo, pode-se realmente desenvolver um estilo de vida alternativo e torna-se possível uma mudança relevante na sociedade” (LS 208).

2. Educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente

Francisco aponta que especialmente os jovens têm uma nova sensibilidade ecológica e um espírito generoso na luta pelo meio ambiente (209), e que a educação ambiental tem incluído uma crítica “aos ‘mitos’ da modernidade baseados na razão instrumental (individualismo, progresso ilimitado, concorrência, consumismo, mercado sem regras) e tende, também, a recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus” (LS 210). Essa educação, porém, deve levar a novos hábitos para um compromisso ecológico a partir do cultivo de virtudes sólidas nas pequenas ações diárias (211); e se dá em vários âmbitos como a escola, a família, os meios de comunicação, o mundo da política, as várias associações e a Igreja. (213-214).

3. A conversão ecológica

Francisco aponta que a solução da crise ecológica passa por um profundo processo de conversão interior de cada cristão em relação ao meio ambiente e pelas mudanças de hábitos, uma “conversão ecológica, que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as



Na encíclica, Francisco lembra que os jovens têm uma nova sensibilidade ecológica (Papa na missa de encerramento da JMJ Panamá 2019)

consequências do encontro com Jesus” (LS 217). Essa conversão integral exige “também reconhecer os próprios erros, pecados, vícios ou negligências, e arrepender-se de coração, mudar a partir de dentro” (LS 218). Entretanto, não basta que cada um seja melhor, é preciso uma união de forças e unidade de contribuições, ou seja, também uma conversão comunitária (219).

4. Alegria e paz

O Papa ressalta que a espiritualidade cristã encoraja a um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem estar obcecado pelo consumo (223). Francisco lembra ainda ser fundamental “alargar a nossa compreensão da paz, que é muito mais do que a ausência de guerra. A paz interior das pessoas tem muito a ver com o cuidado da ecologia e com o Bem Comum, porque, autenticamente vivida, reflete-se em um equilibrado estilo de vida, aliado com a capacidade de admiração que leva à profundidade da vida” (LS 225).

5. Amor civil e político

O Papa também pontua a responsabilidade de cada pessoa com o próximo, com a sociedade e com o planeta, um amor civil e político: “Vivemos já muito tempo na degradação moral, baldando-nos à ética, à bondade, à fé, à honestidade... Uma tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses, provoca o despertar de novas formas de violência e crueldade e impede o desenvolvimento de uma verdadeira cultura do cuidado do meio ambiente

[...] Uma ecologia integral é feita também de simples gestos cotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo [...] o amor social impele-nos a pensar em grandes estratégias que detenham eficazmente a degradação ambiental e incentivem uma cultura do cuidado que permeie toda a sociedade” (LS 229-231).

6. Os sinais sacramentais e o descanso celebrativo

Após recordar que os sacramentos “constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural” (LS 235), o Papa diz que “a criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia [que] é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a ser guardiões da criação inteira” (LS 236). Destaca, também, que “a participação na Eucaristia é especialmente importante aos domingos. Este dia, à semelhança do sábado judaico, é-nos oferecido como dia de cura das relações do ser humano com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o mundo... Além disso, este dia anuncia ‘o descanso eterno do homem, em Deus’ [Catecismo da Igreja Católica 2175]... O repouso é uma ampliação do olhar, que permite voltar a reconhecer os direitos dos outros” (LS 237).

7. A Trindade e a relação entre as criaturas

Francisco enfatiza que para os cristãos, “acreditar em um Deus único, que é comunhão trinitária, leva a pensar que toda a realidade contém em si mesma uma marca propriamente trinitária.

São Boaventura chega a dizer que o ser humano, antes do pecado, conseguia descobrir como cada criatura ‘testemunha que Deus é trino’. O reflexo da Trindade podia-se reconhecer na natureza” (LS 239). O Papa também indica que a pessoa “cresce, amadurece e santifica-se tanto mais, quanto mais se relaciona, sai de si mesma para viver em comunhão com Deus, com os outros e com todas as criaturas” (LS 240).

8. A Rainha de toda a criação

Francisco recorda que também a Virgem Maria “cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido. Assim como chorou com o coração trespassado a morte de Jesus, também agora se compadece do sofrimento dos pobres crucificados e das criaturas deste mundo exterminadas pelo poder humano” (LS 241). De igual modo, São José “pode nos ensinar a cuidar, pode nos motivar a trabalhar com generosidade e ternura para proteger este mundo que Deus nos confiou” (LS 242).

9. Para além do sol

Ao término da encíclica, o Papa ressalta que “na expectativa da vida eterna, unimo-nos para tomar a nosso cargo esta casa que nos foi confiada, sabendo que aquilo de bom que há nela será assumido na festa do Céu. Juntamente com todas as criaturas, caminhamos nesta terra à procura de Deus [...] que nos chama a uma generosa entrega e a oferecer-lhe tudo, também nos dá as forças e a luz de que precisamos para prosseguir. No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida que tanto nos ama. Não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque Se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos. Que Ele seja louvado!” (244-245).

ACESSE A ÍNTEGRA DA ENCÍCLICA LAUDATO SI'

<https://osaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2025/05/Laudato-si-2015.pdf>